

FIC de Fundos de Investimento Multimercado Petros Moderado

OBJETIVO

Obter a mesma rentabilidade da taxa de juros do mercado interbancário.

POLÍTICA DE INVESTIMENTOS

Comprar papéis públicos federais pré e pós-fixados e CDB's no limite de 25% do Patrimônio Líquido do fundo.

COMENTÁRIOS

O FIC de Fundos de Investimento Multimercado Petros Moderado aplica em fundos exclusivos discricionários, cujos gestores e respectivas performances estão descritas abaixo:

DADOS DO FUNDO EM 30/04/2012

Administrador	BEM DTVM (Grupo Bradesco)
Custodia e Controladoria	Banco Bradesco S.A.
Classificação ANBID	FIC de FIM
Taxa de Administração	Não tem
Taxa de Performance	Não tem
Valor da Cota	R\$ 4.6333708300
Patrimônio Líquido Atual	R\$ 4.672.651.300,66
Aplicação ASTCERJ *	R\$ 1.116.158,68
Índice de Benchmark	Selic

* Valor aplicado em Renda Fixa / Valores brutos

Gestor	Rentabilidade Nominal desde abril/12	Rentabilidade (% do CDI) desde abril/12
BRAM (Bradesco)	3,85%	121,38%
Safra	3,26%	102,89%
Votorantim	4,00%	126,07%
Santander	3,95%	124,50%
BTG Pactual	3,78%	119,16%
TUPI	3,52%	110,92%

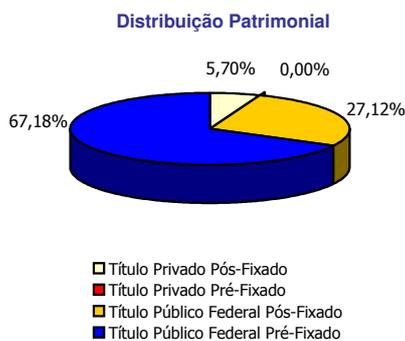
RENTABILIDADE DO FUNDO

Em 2012, o FIC de FIM Petros Moderado obteve uma rentabilidade de 3,67%, que representou 115,68% do CDI do mesmo período.

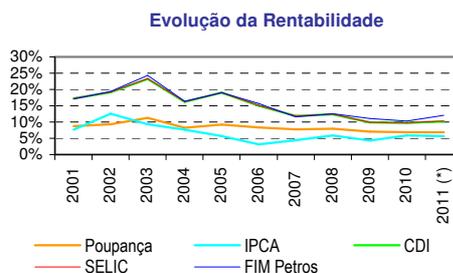
PERFIL RISCO X RETORNO

Período	Retorno (% CDI)
Último Mês	133,78%
Últimos 3 meses	120,02%
Últimos 6 meses	110,99%
Mediana dos Retornos	103,93%
Desvio Padrão	0,017144%
VAR (Value at Risk)	0,022359%
Intervalo de Confiança	95,00%

COMPOSIÇÃO DO FIC DE FIM PETROS MODERADO



RENTABILIDADE ACUMULADA X INDICADORES



Fonte: Econômica / Petros - Abril/2012

(*) Projeção para 12 meses

OBSERVAÇÕES

Em outubro de 2004 foi feita a transferência da administração dos recursos (realizada pela BB DTVM desde dezembro de 2003) para o Bradesco BBI S.A (Grupo Bradesco), e da custódia dos títulos (antes realizada pelo Banco Itaú S.A) para o Banco Bradesco S.A.

CENÁRIO MACROECONÔMICO

Após um primeiro trimestre relativamente tranquilo, o cenário internacional no mês de abril ficou marcado por nova deterioração da crise da dívida europeia. Nas últimas semanas, os mercados de dívidas soberanas da Europa voltaram a operar sob elevada tensão¹, em parte por causa da divulgação de indicadores de atividade econômica mais fracos, que por sua vez elevam o risco de que a recessão na região seja mais profunda, e em parte em razão das eleições na Grécia e na França, cujas pesquisas mostram o crescente apoio aos partidos mais radicais, que não apoiam as políticas de austeridade. E em meio à apreensão com a crise europeia os mercados financeiros se depararam também com sinais de piora na economia chinesa, confirmado pela desaceleração do PIB no 1º trimestre de 2012 – o qual cresceu 8,1% na base anual abaixo do patamar do último trimestre de 2011 (8,9%) e a taxa mais baixa desde o 2º trimestre de 2009 – e sinais de moderação da recuperação da atividade americana. Nesta última, a perda de dinamismo, sobretudo nos dados de mercado de trabalho, não chega a ser inesperada. Apesar de fatores climáticos que devem ter ajudado economia americana entre o final do ano passado e março deste ano – inverno menos rigoroso que o normal – os fatores como o baixo crescimento da renda, a continuidade do processo de desalavancagem das famílias e a desvalorização do patrimônio das famílias com imóveis continuarão pesando contra uma aceleração mais forte da atividade econômica.

No âmbito doméstico, o ritmo de crescimento econômico ainda verifica-se fraco, apesar do conjunto de estímulos monetários e fiscais que têm sido colocados desde o terceiro trimestre do ano passado. O cenário internacional conturbado, o fraco dinamismo da atividade industrial e a pouca disposição do consumidor em ampliar seu nível de endividamento, tendo em vista a inadimplência mais alta, aliada à maior seletividade por parte das instituições financeiras, têm limitado a expansão da atividade econômica. Diante deste cenário, governo e Banco Central intensificaram as medidas de estímulos com a expectativa de que a atividade retome o crescimento mais acelerado no 2º semestre. Do lado monetário, depois de sugerir o encerramento do ciclo de afrouxamento na ata da reunião de março², os sinais mais recentes emitidos pelo Banco Central são de que pode haver continuidade nos cortes na taxa básica de juros. Esta mudança pode ser explicada tanto pelo aumento das incertezas globais quanto por dados domésticos. As preocupações crescentes com a Europa reforçam o caráter desinflacionário do cenário externo e domesticamente o comportamento melhor que o esperado da inflação no início deste ano, o fraco desempenho da indústria e as incertezas com relação às condições de crédito dão respaldo a estratégia expansionista do Banco Central. Já do lado fiscal o governo anunciou novas medidas de estímulo que visam fomentar a atividade industrial e os investimentos do país. Dentre as medidas estão desonerações fiscais e aumento de tributo para importação, financiamento de comércio exterior, incentivo ao setor de informação e comunicações, medidas creditícias (aumento e barateamento do crédito via BNDES) e criação do novo regime automotivo (inclui novas condições de habilitação e incentivo tributário para as montadoras fabricarem carros no Brasil e com maior percentual de conteúdo regional). Na nossa visão, as medidas são positivas, porém como só entrarão em vigor em julho, possíveis efeitos sobre a atividade econômica são esperados somente para o 2º semestre do ano. Até lá, esperamos que a atividade continue mostrando desempenho fraco e, dado o aumento das incertezas no cenário externo, não descartamos o anúncio de novas medidas de estímulo.

¹ As taxas de juros dos títulos soberanos da Espanha chegaram a atingir 5,85% em abril contra mínima de 4,81% no início de fevereiro.

² Enquanto na reunião de março o Copom havia deixado clara a “elevada probabilidade à concretização de um cenário que contempla a taxa Selic se deslocando para patamares ligeiramente acima dos mínimos históricos” (8,75%), na Ata divulgada em abril o Comitê mudou, novamente, sua linguagem, afirmando agora que “qualquer movimento de flexibilização monetária adicional deve ser conduzido com parcimônia”, sugerindo que o Banco Central dará prosseguimento ao ciclo de afrouxamento monetário.

INDICADORES ECONÔMICOS

Indicadores	2011	cenário Petros 2012	Focus *
PIB (%)	2,70	3,10	3,22
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	29,80	20,00	19,20
Conta Corrente (US\$ Bilhões)	-52,60	-60,00	-68,00
Investimento Estrangeiro Direto (US\$ Bilhões)	66,70	55,00	56,40
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	36,50	36,00	36,20
Taxa de Câmbio Fim do Período (R\$/US\$)	1,86	1,80	1,80
Taxa Over Selic Fim do Período (% a.a)	11,00	9,00	9,00
IPCA (% a.a)	6,50	4,90	5,12
IGP-M (%a.a)	5,10	4,60	5,24

Fonte Relatório de Mercado - Banco Central (30/04/2012) * Projeção mediana do mercado

INDICADORES FINANCEIROS

Período	FIM Petros Moderado	Poupança	CDI	SELIC	IPCA	Rentabilidade do Plano
2005	19,06%	9,21%	19,00%	19,05%	5,69%	
2006	15,71%	8,32%	15,03%	15,08%	3,14%	
2007	11,59%	7,71%	11,82%	11,86%	4,46%	
2008	12,57%	7,90%	12,38%	12,48%	5,90%	
2009	11,11%	7,05%	9,88%	9,93%	4,31%	0,45%
2010	10,30%	6,90%	9,75%	9,78%	5,91%	10,30%
2011	12,50%	7,50%	11,60%	11,62%	6,50%	12,50%
jan/12	0,92%	0,59%	0,89%	0,89%	0,56%	0,92%
fev/12	0,99%	0,50%	0,86%	0,87%	0,45%	0,85%
mar/12	0,91%	0,61%	0,81%	0,82%	0,21%	0,91%
abr/12	1,00%	0,52%	0,70%	0,71%	0,64%	0,94%
ACC. 2012	3,88%	2,24%	3,29%	3,33%	1,87%	3,67%